

Bresser pede forma nova de negociação

CAMPINAS AGÊNCIA ESTADO

O ministro Bresser Pereira, que foi a Campinas para falar a empresários da região, a convite de uma construtora local, disse também não saber que a Argentina tinha decretado moratória. "Decretou?" — perguntou aos repórteres. Depois, foi enfático: "É uma notícia importante. Mostra o acerto do Brasil em tê-la pedido. Mostra que o problema da dívida é muito grande. Muito mais grave que os países e os bancos credores estão dispostos a admitir. Mostra ainda que precisamos de formas de negociação mais novas. Por exemplo, estamos negociando há quatro semanas em Nova York para ter um acordo provisório".

Sobre o acordo, Bresser Pereira disse que "pode ser que saia hoje

(ontem). Mas ainda não tenho informações". Indagado se pediu ao negociador da dívida em Nova York, Fernão Bracher, para voltar ao Brasil, o ministro afirmou: "Eu disse para ele que se a negociação não terminasse até amanhã (hoje), às 12 horas, ele deveria voltar".

Bresser Pereira também negou que a moratória brasileira esteja para terminar se não houver um acordo bom para o Brasil. "Para que a moratória do Brasil termine — frisou — será necessário duas coisas: que até o dia 31 de dezembro haja um acordo com os bancos e que, entre primeiro de janeiro e junho, quando teoricamente o Brasil começaria os desembolsos normais dos novos empréstimos, se encontre alguma forma que permita o financiamento também do pagamento dos juros a vencer a partir de janeiro."

Segundo o ministro da Fazenda, a negociação de Nova York traz uma grande vitória: "Conseguimos em Nova York a desvinculação dos desembolsos do FMI com os desembolsos feitos pelos bancos". Perguntado se o PMDB não se oporia a algum acordo, Bresser foi categórico: "Sou um homem público e tenho de assumir as minhas responsabilidades. Eu já falei muitas vezes com os meus companheiros do PMDB. A maioria concorda com a minha posição. Haverá um ou outro que não concorde, mas se quiser a reintegração do Brasil no sistema internacional, é conveniente fazermos um acordo com FMI. E é isso que tentamos fazer".

RECESSÃO

Em Santiago, o vice-presidente do Citibank, George Clark, afirmou

que "existe a possibilidade de uma recessão internacional e os Estados Unidos estão conscientes dela". O executivo, que discursou perante 200 banqueiros latino-americanos reunidos na capital chilena, explicou a posição do Citibank quanto aos novos empréstimos à região: "Todo banqueiro é reticente a outorgar novos empréstimos se já há dívida em demasia", destacou. Acrescentou que os bancos estão comprometidos a apoiar a iniciativa do secretário do Tesouro James Baker (de recuperação do Terceiro Mundo), mas afirmou "que às vezes é difícil".

Clark, responsável pelos contatos entre a matriz norte-americana e os bancos centrais dos 93 países que têm sucursais do Citibank, lembrou que, em todo caso, "os bancos estão sempre dispostos a ajudar os países devedores que tenham bons programas econômicos globais".